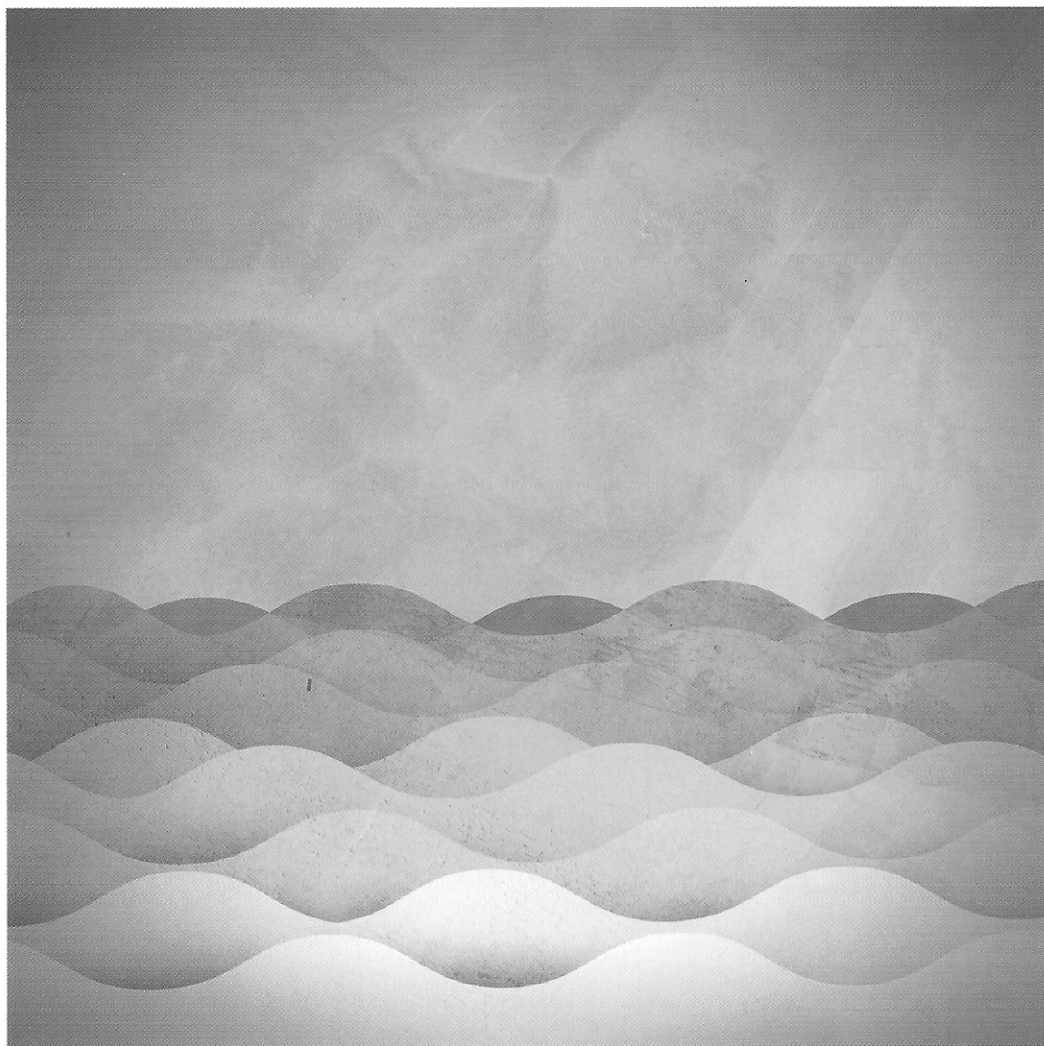


# O MAR NA HISTÓRIA, NA ESTRATÉGIA E NA CIÊNCIA



FUNDAÇÃO  
LUSO-AMERICANA



Nota: no caso dos autores de expressão portuguesa, respeita-se a versão ortográfica de sua escolha.

© 2013, FLAD e Edições tinta-da-china, Lda.

FLAD — Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento  
Rua do Sacramento à Lapa, 21  
1249-090 Lisboa | Portugal  
[www.flad.pt](http://www.flad.pt)

Edições tinta-da-china  
Rua João de Freitas Branco, 35 A  
1500-627 Lisboa | Portugal  
Telfs.: + 351 21 726 9028 / 9 | Fax + 351 21 726 9030  
[www.tintadachina.pt](http://www.tintadachina.pt)

Título: *O Mar na História, na Estratégia e na Ciência*  
*III Fórum Açoriano Franklin D. Roosevelt*  
Coordenadores: Mário Mesquita e Paula Vicente  
Autores: AAVV  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Junho de 2013  
ISBN 978-972-8654-54-2 [FLAD]  
ISBN 978-989-671-155-9 [Tinta-da-china]  
Depósito legal 359588/13

COORDENAÇÃO:  
MÁRIO MESQUITA  
PAULA VICENTE

Este livro baseia-se nas comunicações apresentadas ao III Fórum Açoriano Franklin D. Roosevelt, iniciativa do Governo Regional dos Açores e da Fundação Luso-Americana, assinalando a passagem de FDR pelas ilhas do Faial e de São Miguel, no ano de 1918, quando se encontrava instalada a Base Naval de Ponta Delgada. Nessa época como agora, o arquipélago dos Açores determina a singularidade das relações diplomáticas entre Portugal e os Estados Unidos.

Os Açores adquiriram o hábito de conviver com o resultado de transformações exógenas. Mas, como nos mostram os acontecimentos históricos, o seu desenvolvimento não pode depender desses factores exógenos e mutáveis, insusceptíveis de serem controlados no plano nacional ou regional. Tão-pouco podemos negar as evidências — positivas ou negativas — do desenvolvimento tecnológico.

Ao escolher como tema o mar na história, na estratégia e na ciência, o III Fórum, realizado na Horta, pretendeu contribuir para o reconhecimento de um recurso que muito tem para oferecer e salvaguardar. O mar é também um desafio tecnológico, «uma ponte para o futuro», a exigir o seu lugar no interesse e na política nacionais.

MÁRIO MESQUITA

AUTORES:

ALLAN J. KATZ  
ÁLVARO MONJARDINO  
ALVIN R. GRAVES  
ANDRÉ BRADFORD  
ANTÓNIO CABRAL  
ANTÓNIO COSTA SILVA  
ANTÓNIO DE ALMEIDA RIBEIRO  
ANTÓNIO GOULART  
ANTÓNIO MENDES CALADO  
AVELINO DE FREITAS DE MENESES  
BARNEY FRANK  
CARLOS CÉSAR  
CARLOS GASPAR  
CARLOS RILEY  
CYNTHIA M. KOCH  
FERNANDO DE MELO GOMES  
FERNANDO J.A.S. BARRIGA  
FREDERIC DELANO GRANT, JR.  
FREDERICO CARDIGOS  
GENUÍNO MADRUGA

IDALMIRO FERREIRA DA ROSA  
JOÃO CASTRO  
JORGE DE MEDEIROS  
JOSÉ FÉLIX RIBEIRO  
JOSÉ POÇAS ESTEVES  
**LUÍS ANDRADE**  
MANUEL PINTO DE ABREU  
MARIA DE LURDES RODRIGUES  
MARIA FILOMENA MÓNICA  
MÁRIO MESQUITA  
MÁRIO RUIVO  
MICHAEL K. ORBACH  
PEDRO CATARINO  
RICARDO DINIZ  
RICARDO M. MADRUGA DA COSTA  
RICARDO SERRÃO SANTOS  
THOMAS C. MALONE  
TIAGO PITTA E CUNHA  
VIRIATO SOROMENHO-MARQUES



Governo dos Açores

ISBN 978-989-671-155-9



A EMIGRAÇÃO AÇORIANA  
NO PACÍFICO: CALIFÓRNIA

*Pelo mar, em baleeiras, à demanda do El Dorado:  
Os portugueses/açorianos na costa do Pacífico dos Estados Unidos*

ANTÓNIO GOULART 113

*Portuguese farmers and politicians in the San Joaquin Valley of California*

ALVIN R. GRAVES 133

*Molded by the sea: The Portuguese community of San Diego*

IDALMIRO FERREIRA DA ROSA 155

OCEANOS E CIÊNCIA

*A Universidade dos Açores e a cooperação internacional*

LUÍS ANDRADE 181

*Ciência e recursos naturais debaixo do mar profundo*

FERNANDO J.A.S. BARRIGA 187

*O mar como desafio para a unidade das ciências*

VIRIATO SOROMENHO-MARQUES 197

*The role of the social sciences in ocean policy*

MICHAEL K. ORBACH 203

*Letters to Heber Hall*

FRANKLIN D. ROOSEVELT 211

*O mar dos Açores: diversidade de habitats*

RICARDO SERRÃO SANTOS 215

PERSPECTIVA ESTRATÉGICA

*International cooperation on the sea*

ALLAN J. KATZ 225

*O mar na política externa portuguesa*

ANTÓNIO DE ALMEIDA RIBEIRO 233

*O mar como espaço de afirmação estratégica*

ANTÓNIO MENDES CALADO 241

*O mar: de espólio do passado a promotor do futuro*

AVELINO DE FREITAS DE MENESES 251

*FDR 2012: A "new deal" for today's challenges*

ANTÓNIO CABRAL 269

*Fairness and efficiency*

BARNEY FRANK 277

## *A Universidade dos Açores e a cooperação internacional*

LUÍS ANDRADE\*

O principal objectivo deste artigo tem a ver, por um lado, com a problemática da política externa e de cooperação portuguesa relativamente aos países lusófonos e, por outro, com o papel que as universidades portuguesas, e em particular a Universidade dos Açores, têm vindo a desenvolver nesse sentido, sem esquecer, como é óbvio, a nossa diáspora.

Não iremos proceder a uma análise histórica dessas relações, mas tão-somente tecer algumas considerações, que nos parecem ser importantes, acerca da forma como Portugal tem vindo a gerir a sua política externa e de cooperação, designadamente no que diz respeito àqueles países.

De uma forma geral, podemos afirmar que essa política externa assenta nos seguintes pressupostos:

- 1) Aprofundar o papel de Portugal como sujeito activo no processo de construção europeia;
- 2) Reforçar a relação privilegiada com o espaço lusófono, designadamente no que diz respeito aos Países Africanos de Expressão Oficial Portuguesa, ao Brasil e a Timor;
- 3) Privilegiar a OTAN, a ONU e a OSCE, como instituições basilares no que diz respeito à Segurança, à Defesa e aos Direitos Humanos;
- 4) Aprofundar as relações bilaterais com os países vizinhos;
- 5) Reforçar a presença de Portugal nas Organizações Internacionais;
- 6) Garantir a manutenção de uma estreita ligação às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo;
- 7) Defender e afirmar a língua e a cultura portuguesas;
- 8) Promover uma diplomacia económica activa;
- 9) Rumar a uma diplomacia nova para o século XXI.

\* Pró-Reitor, Universidade dos Açores.

Relativamente à problemática que mais nos interessa neste momento, entendemos que é essencial que Portugal continue a reforçar a valorização e o aprofundamento dos laços indeléveis que nos unem, quer aos países africanos de língua oficial portuguesa, quer ao Brasil e a Timor, através de uma política de empenhamento criativo.

A fim de concretizar estes objectivos, é necessário, em primeiro lugar, aumentar e diversificar os programas que estimulem a circulação e o reforço das relações culturais, económicas e políticas entre Portugal e esses países.

Em segundo lugar, aumentar a coordenação entre todos os países que falam português nos congressos internacionais.

Por outro lado, entendemos que a política de cooperação constitui uma das vertentes mais importantes da política externa portuguesa, que assenta, sobretudo, em valores como a procura da paz, a preservação e o aumento, se possível, da solidariedade entre os povos, a manutenção e, se for caso disso, a promoção e consolidação da democracia e do Estado de direito, a garantia e o respeito pelos direitos do Homem e pelas liberdades fundamentais, assim como a defesa da língua portuguesa e a preservação do ambiente.

Tendo em conta estes desideratos, foram definidas algumas linhas de actuação política relativamente à problemática da cooperação para o desenvolvimento:

Em primeiro lugar, é essencial promover-se a melhoria das condições de vida das populações dos países em desenvolvimento e da consolidação da democracia e do Estado de direito.

Acerca deste assunto, pensamos que é fundamental que Portugal, no seio da União Europeia, continue a desenvolver esforços no sentido de sensibilizar os nossos parceiros para os problemas do continente africano, assumindo uma postura político-diplomática de promoção e de aprofundamento do diálogo euro-africano, não esquecendo a prioridade que deve ser concedida aos estados africanos de língua portuguesa, reforçando, de igual modo, o relacionamento entre Portugal e esses estados, na base da coordenação política e diplomática e aproveitando os laços de língua, de cultura e de confiança existentes.

Na prossecução da sua política de cooperação, designadamente no que concerne aos países africanos de língua oficial portuguesa, um dos principais objectivos a alcançar, pensamos nós, é a ajuda que deve ser prestada a esses países no sentido de criarem bases sólidas, a fim de poderem alcançar o seu desenvolvimento auto-sustentado.

Para se conseguir alcançar estes objectivos, é, em nosso entender, essencial que se promova e defenda a língua portuguesa, tendo em consideração a sua função aglutinadora e estruturante no desenvolvimento (saúde, educação e ciência). Por outro lado, não nos podemos esquecer da cooperação institucional, designadamente no que diz respeito à assistência técnica e à formação, visando o reforço do Estado de direito e da sociedade civil, da eficácia e da transparência da acção administrativa.

Um outro aspecto que, de igual modo, nos parece ser extremamente importante tem a ver com a cooperação empresarial e o apoio ao desenvolvimento do sector privado.

Neste contexto, o ano de 1995 foi extremamente importante, na medida em que foi marcado pela preparação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Criada em 1996, esta comunidade tem como objectivo essencial o reforço das relações de solidariedade entre os países de língua portuguesa, quer no plano político-diplomático, quer no plano da cooperação em geral.

O que, de facto, nos parece ser relevante, de igual modo, é o apoio financeiro a projectos que contribuam para o desenvolvimento desses países.

Por outro lado, é importante referir que a articulação luso-brasileira é, de igual modo, essencial à construção de uma plataforma atlântica, cooperativa e utilitária, na articulação dos projectos pela via da troca de experiências em África.

O aprofundamento dos laços de solidariedade que ligam os estados de língua oficial portuguesa é, para o nosso país, uma política prioritária; uma política que se orienta numa perspectiva de futuro e que, com base no património inestimável que é a nossa língua comum, procura conjugar experiências e esforços para a ampliação do intercâmbio cultural e para o reforço da cooperação para o desenvolvimento económico e social, assim como para a nossa mútua capacidade de afirmação externa.

Outro factor tem a ver com o importante papel que as universidades portuguesas, e especificamente a Universidade dos Açores, têm vindo a desempenhar no que diz respeito à formação de muitos alunos provenientes dos PALOP, facto que tem contribuído, inequivocamente, para o seu desenvolvimento.

Além do mais, e reportando-nos concretamente à Universidade dos Açores, desde que iniciámos funções, há cerca de oito anos, no

âmbito da Pró-Reitoria para a Mobilidade e a Cooperação, hoje Pró-Reitoria para as Relações Internacionais e Cooperação Institucional, temos procurado, dentro das nossas possibilidades, reforçar o relacionamento com a diáspora, designadamente com as comunidades imigrantes radicadas nos Estados Unidos da América, no Canadá e no Brasil, assim como nas Bermudas.

Assim, temos vindo, anualmente, a organizar um curso de Verão cujo objectivo é não apenas o ensino da língua e cultura portuguesas, mas também da história, da sociedade, da economia, da vulcanologia, da sismologia, assim como das problemáticas ligadas ao mar e à terra da Região Autónoma dos Açores. O curso decorre em Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta. Organizamos, de igual modo, o EILC (ERASMUS Intensive Language Course) durante o mês de Julho, nas mesmas cidades. Por último, a Universidade da Califórnia-Berkeley, em conjunto com a Universidade dos Açores, organiza, durante uma semana, o seu curso de Verão, na nossa universidade. O ano passado, pela primeira vez, o Bristol Community College levou a efeito um curso de Verão com o apoio da Universidade dos Açores e que teve lugar em Ponta Delgada, com o patrocínio do Acordo de Mobilidade Antero de Quental.

O que nos parece ser essencial, em todo este contexto, é a preservação da nossa língua e da nossa cultura, em suma, da nossa identidade, relativamente aos países que acolheram e acolhem os nossos imigrantes, bem como os seus descendentes.

Gostaríamos de realçar outro aspecto, intimamente relacionado com o anterior, e que se prende com a formalização da cooperação da Universidade dos Açores, consubstanciada através da assinatura de protocolos e outros acordos com universidades e instituições desses países.

Através de visitas à Nova Inglaterra, à Califórnia, ao Canadá e a vários países europeus, temos vindo a proceder à divulgação, não apenas do curso de Verão a que fizemos referência anteriormente, mas, de igual modo, da oferta de ensino da nossa universidade, tanto ao nível dos cursos de graduação como de pós-graduação, de forma a recrutarmos, por um lado, alunos provenientes das nossas comunidades residentes nos Estados Unidos da América e no Canadá e, por outro, alunos europeus no âmbito do Programa ERASMUS, que, ao longo dos últimos anos, tem vindo a ter um aumento muito significativo.

Por outro lado, a apresentação de comunicações e conferências, assim como a organização de seminários e de mesas-redondas em várias instituições de ensino superior norte-americanas, canadianas, e europeias, constitui, de igual modo, um aspecto importante a ter em consideração, na medida em que nos concede a possibilidade de darmos a conhecer o que a Universidade dos Açores está a oferecer ao nível do ensino e a desenvolver no âmbito da investigação.

Foi exactamente o que fizemos através do Programa «Teach Europe», uma iniciativa conjunta das Embaixadas de Portugal, Espanha, França, Itália e Alemanha, e que teve lugar em Washington, em 2006.

Temos vindo, de igual modo, a proceder, gradualmente, à divulgação dos apoios institucionais que existem, quer no âmbito da Comissão Fulbright, quer da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, no seio dos estudantes e professores da Universidade dos Açores, tendo como objectivo fomentar a cooperação, a vários níveis, entre o pessoal docente e discente dos dois lados do Atlântico.

Neste contexto, merece destaque a assinatura do protocolo entre a Universidade dos Açores e a Comissão Fulbright, que viabilizou, em Março de 2005, a criação do Centro Regional de Informação Fulbright, com sede na reitoria da Universidade dos Açores, e que tem como objectivos fundamentais a divulgação do sistema de ensino norte-americano, o aumento do intercâmbio de professores e estudantes, bem como a informação atempada acerca do programa de bolsas Fulbright.

O trabalho que se tem vindo a desenvolver foi publicamente reconhecido pela Comissão Fulbright, que atribuiu um prémio de mérito à Universidade dos Açores, concedendo uma bolsa que fez com que a nossa instituição participasse, pela primeira vez, na NAFSA, em Montreal, entre 21 e 26 de Maio de 2006. A Universidade dos Açores voltou a participar, em Julho de 2007, naquele importante Forum, que decorreu em Minneapolis, Minnesota, e, mais recentemente, em Houston, no Texas.

A assinatura do Acordo de Mobilidade Antero de Quental, celebrado em Março de 2008, entre as universidades dos Açores, Massachusetts-Darmouth, Massachusetts-Amherst, Brown, Bristol Community College e Califórnia-Berkeley, veio potenciar a mobilidade de alunos e de professores entre aquelas universidades. A este respeito, há a registar o papel essencial que a FLAD e a Fundação Gulbenkian desempenham, no que diz respeito ao seu financiamento.

Já constitui um lugar-comum dizer-se que vivemos, hoje em dia, num mundo globalizado. Porém, independentemente dos consideráveis desenvolvimentos que têm vindo a ocorrer no âmbito das novas tecnologias da informação, designadamente através da Internet, somos da opinião que o contacto pessoal continua a ser imprescindível no processo de aprendizagem.

Para concluir, diríamos que é necessário continuarmos a trabalhar, em conjunto, no sentido de podermos preservar tanto a nossa língua como a nossa cultura, duas componentes essenciais da nossa identidade como povo. E iniciativas como esta são, de facto, extremamente importantes para se alcançar esses objectivos.